

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Curso de Licenciatura em Educação do Campo

Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades

ANDRESA BRASILEIRO DA SILVA

**Luta pela Terra: processo de resistência do Povo Xacriabá da Aldeia Tenda,
Distrito de Rancharia, Município de São João das Missões, Minas Gerais**

Belo Horizonte-MG

2023

ANDRESA BRASILEIRO DA SILVA

**Luta pela Terra: Processo de Resistência do Povo Xacriabá da AldeiaTenda,
Distrito de Rancharia, Município de São João das Missões, Minas Gerais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo.

Orientador: Prof. Dr. Pablo de Oliveira Lima

Belo Horizonte- MG

2023

À nação indígena, de todas as etnias do Brasil, em especial, aos Xacriabá, pela resistência, pela luta e pelas vitórias de cada dia.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus, pelo dom da vida.

À minha MÃE e irmãos pelo apoio e compreensão.

Ao meu esposo Marcelo pela parceria e companheirismo, nos dias de luta.

A Lurdes de Sá pela parceria nessa etapa tão importante da minha vida.

Aos meus amigos e colegas da CSH, pela parceria e em especial a ANA MARIA pelo companheirismo e amizade.

Agradeço as senhoras, VANILDE, ARACY E JOANA, por me darem colo, na distância de mãinha.

A equipe do Centro Educacional Municipal São João. Obrigado pelo apoio.

Agradeço também aos meus mestres.

Agradeço ao meu orientador e professor PABLO LIMA, pelo suporte.

Um dos maiores agradecimentos é para o amor da minha vida, MARIA HELENA, meu tudo, o meu pedaço do coração fora do peito, é o motivo para eu estar me tornando uma pessoa melhor.

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido na aldeia Tenda, distrito de Rancharia no município de São João das Missões no norte de Minas Gerais, com o intuito de investigar e registrar o processo de luta e resistência dos Xacriabá pelo reconhecimento e posse de seu território no referido município, tornando-o mais acessível na escola, na comunidade e principalmente àqueles que desconhecem a história da luta pela terra. A intenção é manter a história viva para que não só a geração atual, mas também as futuras gerações possam saber que para conquistar aquele espaço territorial, hoje demarcado, houve muita luta e resistência. Pretende-se também, neste trabalho, mostrar o quanto as lideranças e os moradores que fundaram essa comunidade, passando de geração em geração, foram e continuam sendo importantes nesse processo de luta que perdurou por muitos anos. Para isso, serão realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas com diferentes pessoas da comunidade com a finalidade de colher informações para desenvolvimento da pesquisa. Esse trabalho tem como referências principais anciões, ou seja, moradores e lideranças da aldeia de Rancharia e pretende contar a história da luta do povo Xacriabá pela terra indígena de Rancharia do ponto de vista indígena.

Palavras-chave memória, luta, território Xacriabá, aldeia Tenda, Rancharia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 7

CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS DO POVO INDÍGENA XACRIABÁ NALUTA PELA TERRA, 11

I.1. Breve relato sobre os indígenas em São João das Missões, MG, 11

I.2. Objetivos e percurso metodológico, 12

I.3. História da formação do município: Ocupação de terras e constituição da nação Xacriabá, 17

CAPÍTULO II: CONQUISTAS E DESAFIOS ANTES E APÓS A DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA XACRIABÁ/RANCHARIA, 22

II.1. A luta pelo reconhecimento da primeira TI Xacriabá, 22

II.2. História de Rancharia e como se deu origem ao nome, 26

II.3. A luta dos Xacriabás pela demarcação da TI Rancharia, 30

CAPÍTULO III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS, 33

CONSIDERAÇÕES FINAS, 35

REFERÊNCIAS, 36

APÊNDICES, 37

1.INTRODUÇÃO

Quando foi solicitado que eu descrevesse as etapas da minha vida, a princípio pensei que seria rapidamente relatadas, em poucas linhas. Mas não é simples assim. Ao pensar nos detalhes, a mente começa a se revelar, passo a passo, como um filme. Voltar é estar presente em nosso passado, é lembrar a vivência, no presente e, futuramente, falar das vivências na comunidade; é reconhecer o meu próprio povo, a minha própria identidade.

Nasci em 17 de outubro de 1994, na cidade de Itacarambi, região norte do estado de Minas Gerais, de família simples e humilde, na qual a educação sempre foi e ainda é prioridade. Filha de trabalhadores rurais, a mais velha de três irmãos, sempre estudei em escola pública no município de São João das Missões- MG.

Iniciei minha vida escolar no ano de 2001, na escola Estadual Eliazar José Rodrigues, no distrito de Rancharia, São João das Missões, instituição na qual fui alfabetizada. Nessa escola, localizada perto da minha residência, tive o privilégio de cursar o ensino fundamental II e ensino médio.

A educação oferecida nessa escola foi proveitosa, mesmo havendo muitos alunos e apenas um professor. Acredito que esse foi um fator que prejudicou a minha aprendizagem, pois o professor não conseguia dar a atenção necessária a todos os alunos por ser uma sala lotada. Mesmo com dificuldades, minhas experiências nessa escola foram as melhores. A professora estimulava a ler, a fazer projetos sociais, os quais integravam nosso processo de aprendizagem em todas as disciplinas ministradas.

Até a quarta série do Ensino Fundamental I, foi tudo tranquilo. Entretanto, com a próxima fase, o Fundamental II, meu mundo todo tranquilo acabou desabando. Nessa etapa da minha escolarização, vieram textos chatos, matérias divididas, a matemática complicada, livros pesados, trocas de professores, etc.

Nesse período não me lembro ter lido livros, porém, recordo-me das aulas maçantes de português e de matemática. Isso ocorreu até o Ensino Médio. A partir do tempo que entrei no ensino superior, 2019, fui apresentada a várias obras da literatura, mas ainda não gostava de ler. Por isso, até hoje tenho dificuldades de interpretação, mesmo já estando prestes a terminar a graduação.

Minha experiência como aluna desta universidade é de suma importância para minha formação profissional e pessoal. Embora casada, mãe de uma menina, deparei-me com essa grande façanha, que é a realização do meu sonho, almejado desde meus 21 anos, quando não

consegui terminar o curso de Licenciatura em Física, no Instituto Federal de Educação do Norte de Minas Gerais (campus Januária). Contudo, com 24 anos de idade, em 2019, fui aprovada no vestibular da Licenciatura em Educação do Campo, área de Ciências Sociais e Humanidades, da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi uma grande emoção ver meu nome na lista de classificados. Sempre fui uma pessoa indecisa, mas com o incentivo da minha mãe, resolvi enfrentar esse novo desafio.

No começo, o curso foi como uma bomba abalando toda a minha estrutura. Entretanto, passado o susto inicial, presenciei momentos inesquecíveis. Foi uma jornada de muitas lutas, noites em claro, mas com a contribuição de alguns professores mais exigentes e outros mais compreensivos e amigos. Porém, mesmo sendo o curso em alternância, os professores e os monitores sempre estiveram ali nos oferecendo assistência permanente.

Essa alternância, em alguns momentos, nos dá a impressão de certo isolamento, um desafio que tive que enfrentar. Ao longo dessa jornada, vi minha vida passando e deixando tudo o que gostava para outro momento. No entanto, percebi que fazer algo diferente em minha vida era aprender novas práticas.

Hoje, sendo mãe e funcionária pública, concluir o curso será algo que fará com que eu me sinta realizada na minha vida profissional e pessoal. Esse curso me fez compreender que a formação contribuirá para mudanças na minha maneira de agir e pensar, podendo ter posicionamentos em minhas atitudes, uma formação contínua, esse é meu investimento desde que concluí o ensino médio.

Vale relatar, ainda, que, apesar do meu grande interesse pelos estudos, tive dificuldade em me qualificar para o mercado de trabalho. Assim, mesmo sem acesso à internet, nessa época, passei a me dedicar aos estudos com objetivo de prestar concursos públicos na minha cidade e região.

Enfim, no ano de 2016, realizei um concurso em meu município, fui aprovada em segundo lugar para o cargo de monitor de educação infantil. Tomei posse no ano de 2017. Após superar vários obstáculos, hoje, sou efetiva em meu local de moradia.

Ainda sobre o curso de Licenciatura em Educação do Campo, tenho vivenciado experiências que refletem na minha vida pessoal e profissional, muitas delas com enorme expressão. A Licenciatura em Educação do Campo, me possibilitou uma formação de clareza na sociedade, procurando buscar mais soluções para a minha comunidade. Mudei muito, não me sinto mais delimitada diante de situações constrangedora, por isso, não há recompensa maior que olhar para trás e ver que toda a minha dedicação e empenho contribuíram para a realização do

meu sonho e, principalmente, o da minha mãe.

A partir de agora tudo passa a ser diferente, depois de adquirir experiências e aprendizado, pretendendo desenvolver muitos projetos ao longo da minha vida. Como já trabalho na educação infantil há 6 anos, aprendi que uma boa formação teórica não é importante. Hoje, sou uma pessoa feliz, gosto do que faço buscando ser melhor a cada dia.

Muitas noites mal dormidas, cansaço, marido reclamando por atenção, filha precisando de colo, familiares pressionando que eu fosse nas casas deles, mas enfim, com um sorriso no rosto, muitas alegrias, estou vencendo essa árdua batalha. Sabe o que é melhor? É ver o sorriso de satisfação de mãinha. Além disso, este curso tem proporcionado, mais conhecimentos sobre o meu povo, os Xacriabá. Visando relacionar pessoas, que me fez refletir sobre o meu jeito de vida. Os conhecimentos vão aumentando fazendo com que tenha novas conclusões lá na frente, mesmo com críticas, sabendo observar e tirar algo de proveitoso e útil de cada situação. Já com meus 28 anos, aprendi que há tempo para tudo. Com a formação profissional, sinto habilitada para defender e lutar pelo respeito às diferenças, inclusive na minha etnia Xacriabá, no meio escolar da minha comunidade e na sociedade em geral, contribuindo para que as pessoas aceitem uns aos outros independentemente de gênero, cor, raça, etc.

Na década passada, a cada ano que passou, enfrentamos em nossa comunidade e toda etnia a luta constante pela Terra. Nascer e viver em comunidade indígena é morar em uma casa tão pequena e protegida, mesmo não tendo grades e portões, é um lugar onde não preciso me esconder dos meus vizinhos. Lugar onde posso caminhar e cumprimentar todas as pessoas que encontro pelo caminho. Os olhares são “olho no olho.” Lugar onde podemos sentar juntos e dar grandes risadas ou chorar. Esse é o modo de vida na minha comunidade, aldeia Tenda, distrito de Rancharia.

No desenrolar do tempo, cresci e descobri o quanto a nossa etnia Xacriabá se desenvolveu social e politicamente. Hoje, com a conectividade do meu povo, e a herança de meus os ancestrais, vivemos juntos em uma comunidade onde dividimos espaços de convivência, trabalhos, moradia, vivemos assim em coletivo e, ainda, compartilhando a nossa humanidade, valores, suas crenças e culturas. Na comunidade da aldeia Tenda, as pessoas se conectam de verdade, elas se ajudam, estão juntas em prol de um mesmo objetivo, o qual consiste em lutar e resistir sempre.

Embora conectados, continuam a luta e resistência, como forma de garantir o direito constitucional que é o direito pela permanência em seu território. Essa resistência vai muito além disso, pois esse povo trava uma luta histórica pela preservação do meio ambiente, defendendo a

sustentabilidade como forma de garantir que as futuras gerações possam viver nas suas terras extraído dela o seu sustento e de suas famílias. Viveram por muito tempo ameaçados por invasões de fazendeiros não-indígenas. Hoje, lutam pela ampliação de suas terras demarcadas com o intuito de recuperar parte dela. Estão aos poucos desenvolvendo um processo de valorização cultural, buscando identificar e registrar itens e aspectos de sua cultura como forma de proteger esse patrimônio. Diante deste cenário de luta e resistência, ingressei no curso de CSH (Ciências Sociais e Humanidades) nesta instituição no ano de 2019. A escolha do tema deste trabalho partiu da necessidade de termos um registro mais organizado para contar um pouco da nossa história, que é uma história de luta, sofrimento e muita resistência.

Para concluir o memorial, apresento como está organizado este trabalho: no capítulo I destaco um pouco sobre os desafios e conquistas do povo indígena Xacriabá na luta pela terra. No capítulo II, destaco as conquistas e desafios antes e após a demarcação da terra indígena Xacriabá. No capítulo III desempenhei análise e interpretação dos dados obtidos nesta pesquisa. Esse trabalho tem o objetivo de resgatar a história do território Xacriabá, em específico, da conquista da terra indígena Xacriabá.

Nesse sentido, busco relatar um pouco a luta pelo reconhecimento da primeira terra indígena demarcada em São João das Missões. Relatar também as dificuldades das lideranças para comunicarem entre si, devido às perseguições que sofriam por parte dos fazendeiros não-indígenas. Essa trajetória de luta pela terra custou a vida de vários indígenas e até a chacina que matou os principais líderes.

Há neste trabalho partes que tratam especificamente sobre a luta pela terra indígena Xacriabá Rancharia, uma vez que esta pesquisa foi realizada na Adeia Tenda, neste distrito. Este trabalho, apresenta ainda, questões relacionadas à origem do nome Rancharia. Aponta também um pouco sobre os pioneiros que iniciaram a luta, e em que momento deram início a esse processo da luta pela demarcação da Terra Indígena Rancharia.

CAPÍTULO I. CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS DO POVO INDÍGENA XACRIABÁ NA LUTA PELA TERRA

1. Breve Relato sobre os indígenas em São João das Missões

A história de luta e resistência do povo Xacriabá, sempre foi repleta de conflitos, chacinas, discriminação e preconceito. Tendo, por essas questões, em sua trajetória de existência, lutas constantes, contra a violação dos seus direitos. Em pleno século 21, muitos índios Xacriabá vivem em condições precárias em São João das Missões. Essa realidade decorre por diversos fatores, tais como: por falta de renda, precariedade na educação, falta de saneamento e moradia.

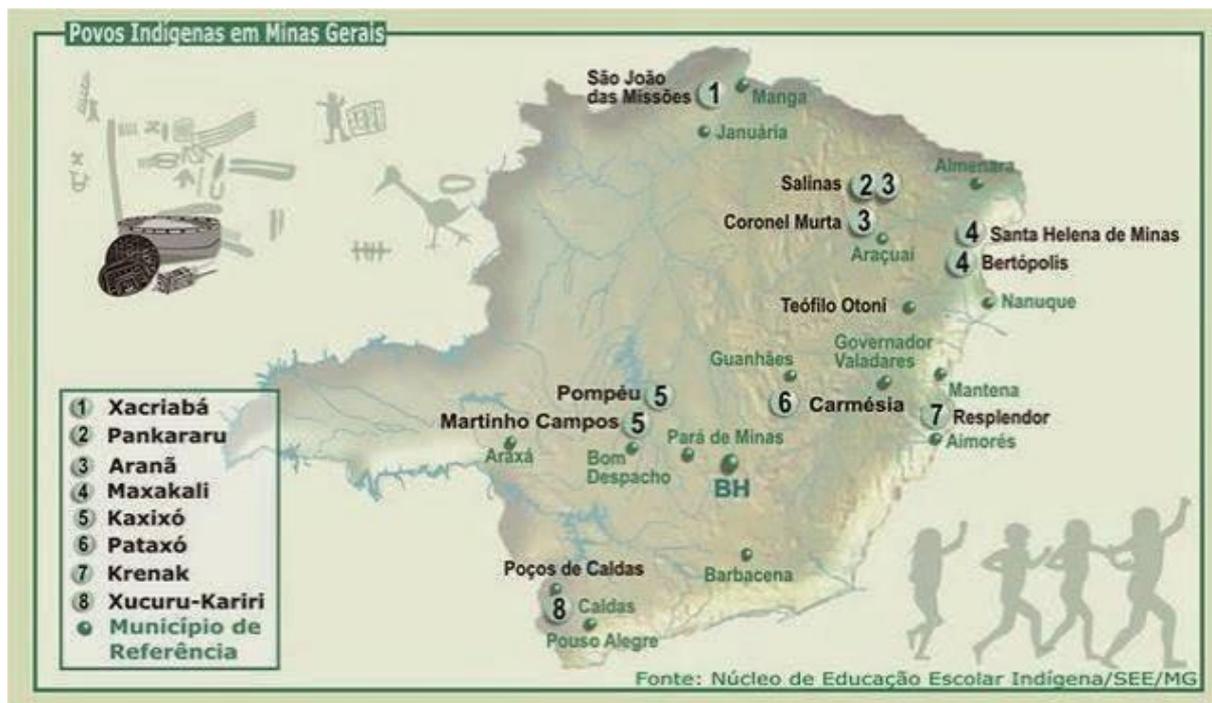
A luta constante, dos Xacriabá pelo reconhecimento da posse das terras que ocupam, bem como os registros dos conflitos já travados nesse processo, me despertou o desejo de realizar a pesquisa que resultou no meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Nesse sentido, a pesquisa teve como perguntas as seguintes indagações: Por que a luta e a resistência do povo Xacriabá pelo reconhecimento e posse da terra é constante? Por que devemos lutar e resistir?

E com o intuito de compartilhar essas informações de geração a geração para que nunca seja esquecida, pois, sabemos que é preciso reconhecer toda uma luta e sofrimento que os nossos antepassados passaram para que hoje tenhamos parte dos nossos direitos conquistados. Assim, enquanto existir união e esperança, existirá a luta.

Neste cenário, com este estudo, temos a oportunidade de aprofundar, nas vivências e tradições de uma etnia, ainda, pouco conhecida e estudada pelos próprios moradores. Nesse sentido, a pesquisa proposta poderá contribuir para aprofundar os conhecimentos e relações dos moradores de São João das Missões com as comunidades indígenas que integram o município.

Ademais, acredito que registrar a luta do meu povo pela terra poderá contribuir para que o mesmo ocorra em outras localidades e que o direito à posse da terra e de uma vida digna e de acordo com suas particularidades, assim como o reconhecimento de seu território possa expandir para outros povos indígenas que habitam o estado de Minas Gerais e o Brasil.

A população indígena, em Minas Gerais, reduziu-se muito e atualmente predominam poucos grupos. Estes sujeitos vivem tentando resgatar um pouco do que sobrou como a língua e sua própria cultura, embora tenham se adaptado a novos modos de vida. A figura 1, a seguir, ilustra a localização indígena em Minas Gerais, tendo como foco da pesquisa a terra indígena Xacriabá.



Fonte: Núcleo de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado de Educação de MG, disponível em http://www.descubraminas.com.br/destinosturisticos/det_mapa.asp?tag_origem=P&id_origem=1814&id_mapa=270&id_lista=270&sequencia=1.

Segundo o Censo demográfico de 2010, Minas Gerais alcança a marca de 31.112 indígenas, e o município com maior número de indígenas é São João das Missões. Nessa região, habita o povo Xacriabá, que vive uma fase de grande crescimento populacional. Em 2000, havia uma população de 4.211 índios. Já em 2010, essa população cresceu, alcançando, então, um total de 7.928 indígenas. Esses dados demonstram que houve uma taxa de crescimento anual de 6,0%. O município de São João das Missões apresenta uma população de 11.715 habitantes, sendo que 7.936 são declarados indígenas, ou seja, 67,74% da população.

Os indígenas passaram por muitas perdas e conquistas, por isso, não se pode considerá-los apenas como vítima do sistema dominador, mas sujeitos de sua própria história, uma vez que foram atores políticos que se fortaleceram no momento em que puderam compreender o seu papel na história.

Foi a partir de todas essas vivências árduas que os indígenas deste município vêm atravessando gerações, que me despertou o interesse pelo tema dessa pesquisa.

2. Objetivos e percurso metodológico

O objetivo geral da pesquisa é investigar e registrar o processo de luta e resistência dos

Xacriabá pelo reconhecimento e posse de seu território no município de São João das Missões, Minas Gerais.

Para isto apresentamos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender como se deu a formação do município de São João das Missões, Minas Gerais através da sua história e relacionando-a com a história do povo Xacriabá;
- Contar a história da luta do povo Xacriabá de Rancharia do ponto de vista indígena;
- Resgatar a história do território Xacriabá, em específico o processo de luta pela conquista da terra.
- Tornar a história do povo Xacriabá, em específico da comunidade Aldeia Tenda/Rancharia, mais acessível à todos que desconhecem a história de luta pela terra deste povo nesse município;
- Enfatizar as conquistas e os desafios após a demarcação da Terra indígena Xacriabá Rancharia.

Em decorrência dos objetivos propostos, esta pesquisa é qualitativa. Para tanto, a metodologia que fundamenta esta pesquisa compreende uma pesquisa de campo, que segundo Marconi e Lakatos, 2002:

É utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (MARCONI E LAKATOS, 2002, p.83)

Para isso, utilizaremos referências bibliográficas que nos ajudem a descrever a trajetória de luta do povo Xacriabá, em específico, da Aldeia Tenda, no distrito de Rancharia. É do nosso interesse aqui tentar, além das fantasias criadas sobre a alteridade, encontrar pistas que nos levem a compreender como os Xacriabá, após um histórico de influências diversas e constante miscigenação desde a chegada do europeu no Brasil, foram capazes de se reestruturar política e socialmente, chegando aos dias de hoje como uma comunidade com uma base relativamente bem organizada e articulada e, principalmente, com vontade de continuar a se transformar e progredir econômica e socialmente sem, no entanto, abrir mão de sua cultura e tradições.

A pesquisa de campo aconteceu no Município de São João das Missões, Minas Gerais. Este, além da sede, possui o Distrito de Rancharia e 43 povoados, sendo 35 aldeias na Terra Indígena Xacriabá, cada uma liderada por um morador, conforme descritas abaixo :

1. Levino Gomes de Oliveira (Aldeia Sumaré I)
2. Valdemar Ferreira dos Santos (Aldeia Prata)

3. João Gonçalves de Alkimim (Aldeia Sumaré II)
4. Antônio Pereira de Souza - Pulu (Aldeia Itacambizinho)
5. José Leite Alkimim (Aldeia Vargens)
6. Estácio Pereira dos Santos (Aldeia Caatinguinha)
7. Vicente Barbosa dos Santos (Vice-Aldeia Caatinguinha)
8. Antônio Pereira Lopes - Coco (Aldeia Morro Falhado)
9. João Cavalcante Bezerra- João de Procópio (Aldeia Peruaçu)
10. Artur Pereira dos Santos (Vice – Aldeia Peruaçu)
11. João Cavalcante Bezerra - Círiilo (Aldeia Custódio)
12. Santo Caetano Barbosa (Aldeia Morro Vermelho)
13. Abedias Gomes de Oliveira - Beda (Aldeia Santa Cruz)
14. Abedias Pereira Lopes-Bidá (Aldeia Pedrinhas)
15. João Caetano Pereira de Souza -João de Neném (Aldeia Forges)
16. Agenor Lopes da Conceição (Aldeia Rancharia/Tenda)
17. Domingos Nunes de Oliveira Cacique (Aldeia Brejo Mata Fome)
18. João Batista de Queiroz - Joãozinho (Aldeia São Domingos)
19. José Fiúza da Silva (Aldeia Itapecuru)
20. Idelino Ferreira Gama (Aldeia Embaúba)
21. Rosalvo Fiusa da Silva (Aldeia Sapé)
22. Valdemar Xavier dos Santos (Aldeia Barreiro Preto)
23. Manoel Cavalcante Bezerra -Manoel de Joana (Vice – Aldeia Barreiro Preto)
24. Alvino Alves de Barros (Aldeia Riacho do Brejo)
25. Luiz Mauro Dourado (Aldeia Riachão)
26. João Batista Oliveira das Neves /Batista (Barra do Sumaré)
27. João Batista dos Santos (Aldeia Sumaré III).
28. Cacique (Aldeia Vargem Grande)
29. Manoel Pereira dos santos (Caatinguinha)
30. Gerônimo Alves Antônio (Rancharia)
31. Antônio Possidônio – Cacique Aldeia Boqueirão
32. Pedro Ferreira – Sape
33. Robertinho – Sape
34. Elvino Ameida Leite – pedrinhas
35. Manoel de Odató – Liderança da Aldeia Terra Preta

São João das Missões. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-das-missoes/panorama>>. Acesso em 13 de outubro de 2022

Em virtude da quantidade de aldeias, as quais são distantes umas das outras, e das condições de acesso a elas, que são difíceis, e considerando o tempo para a realização da pesquisa, a mesma foi desenvolvida na Aldeia Tenda/Rancharia, aldeia na qual resido.

A princípio, os instrumentos metodológicos que seriam utilizados para a produção de

informações, seria uma entrevista semi-estruturada por meio de um questionário. Após conversas com moradores sobre o assunto, os mesmos optaram por fazermos rodas de conversa no salão da Associação de Rancharia Aldeia Tenda considerando esse método mais proveitoso. O objetivo da utilização desse instrumento foi investigar e registrar o processo de luta e resistência dos Xacriabá pelo reconhecimento e posse de seu território no Município de São João das Missões, Minas Gerais, em especial da comunidade da Aldeia Tenda/Rancharia.

Para melhor compreensão do conceito de entrevistas semi-estruturadas, Minayo (2001, p. 58) afirma que:

Através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos. Os primeiros podem ser também obtidos através de fontes secundárias, tais como censos, estatísticas e outras formas de registros. Em contrapartida, o segundo tipo de dados se relaciona aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, toma-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas.

Considerando a história de luta, resistência, alto de nível de analfabetismo e tradição do povo Xacriabá se fez necessária a realização de entrevistas não estruturada como método de captação de informações para atingir os objetivos deste trabalho. Esses moradores, por opção, decidiram responder a entrevista de forma mais dinâmica, livre, sem roteiro estruturado de perguntas, onde o entrevistador pode fazer suas colocações e colher as informações necessárias para realização da pesquisa.

Dessa forma, os moradores se reuniram para tratarem de assuntos da organização interna e nesse momento oportuno foi realizada uma roda de conversa para produção de informações que contribuíssem como embasamento para o desenvolvimento da pesquisa proposta.¹A roda de conversa foi realizada no salão de associação da aldeia Tenda com os moradores mais antigos dessa comunidade.

Com base no planejamento para realização da coleta de informações, concordamos com Cardoso (1986, p. 62) sobre a relevância que deve ser dada ao trabalho de campo e sobre o respeito pelo dado empírico. Na visão da autora citada, por melhor que seja a captação da

realidade vivida, faz-se necessário um compromisso teórico-metodológico. A ênfase que devemos dar à dimensão teórico-metodológica nos permite fugir do que podemos denominar mito da técnica.

Nesse sentido, uma pesquisa não se restringe à utilização de instrumentos apurados de coleta de informações para dar conta de seus objetivos. Para além dos dados acumulados, o processo de campo nos leva à reformulação dos caminhos da pesquisa, através das descobertas de novas pistas.

Nessa dinâmica investigativa, podemos nos tornar agentes de mediação entre a análise e a produção de informações, entendidas como elos fundamentais. Essa mediação pode reduzir um possível desencontro entre as bases teóricas e a apresentação do material de pesquisa. Outra articulação necessária se refere à interação entre o pesquisador e os atores sociais envolvidos no trabalho.

Nesse processo, mesmo partindo de planos desiguais, ambas as partes buscam uma compreensão mútua. O objetivo prioritário do pesquisador não é ser considerado um igual, mas ser aceito na convivência. Esse interagir entre pesquisador e pesquisados, que não se limita às entrevistas e conversas informais, aponta para a compreensão da fala dos sujeitos em sua ação.

Os sujeitos que participaram da roda de conversa, sendo estes, os que mais contribuíram com as informações precisas para a realização deste trabalho. São eles: Domingos Gomes de Oliveira, Cacique da tribo Xacriabá, filho de uma das lideranças que comandava a aldeia, assassinado em 12 de fevereiro de 1987 numa chacina comandada por grileiros; Agenor Lopes da Conceição, liderança da aldeia Tenda/Rancharia, atuou como vereador no município por 04 anos, filho de uma das primeiras famílias a chegar na comunidade; Antônia Lopes, moradora da aldeia Tenda relata nas reuniões da comunidade que, segundo os seus antepassados, por volta de 1940 a 1960 começaram a chegar algumas famílias que foram construindo suas casas primeiramente aos arredores da lagoa; Maria das Graças, Aldeia Tenda, relata sobre os festejos do padroeiro, dos romeiros que acampavam à beira da lagoa para tomar água e descansar. Além das pessoas citadas, outros membros da comunidade também participaram da roda de conversa.

As entrevistas não foram gravadas, nem fotografadas por não ser um costume da comunidade. Foi feito um registro manual da forma mais detalhada possível e depois foi feita a leitura na presença de todos os entrevistados para que todos tivessem ciência do que foi registrado.

Após isso, foi dada continuidade ao trabalho de pesquisa e, assim, foi possível chegar à conclusão. O contato com os colaboradores foi feito por meio de visitas às residências e, em

outros casos, foi feito contato por telefone para agendamento da roda de conversa. Foram lançadas as informações coletadas no trabalho dialogando com os documentos de registro da época: leis, jornais, decretos, sites, livros, apostilas.

Assim, com base em Minayo (1992, p.54), podemos apontar três finalidades para essa etapa: estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte. Essas finalidades são complementares, em termos de pesquisa social.

3. História da formação do município: ocupação de terras e constituição da nação Indígena Xacriabá

Há cerca de 300 anos os Xacriabá vivem em contato com a população não-indígena. Inicialmente, tiveram contato com os portugueses e os bandeirantes, por conta do processo, imposto, de catequização. Além disso, a miscigenação da população Xacriabá se deu através de um histórico de muitos conflitos com fazendeiros.

O bandeirante Matias Cardoso de Almeida, um dos mais famosos caudilhos da época, juntamente com seu filho Januário Cardoso, seu primo Manoel Francisco de Toledo e seu cunhado, o paulista Antônio Gonçalves Figueira, numa expedição legal, composta de 57 homens da lida incluindo índios “mansos”, 01 esculápio, 02 padres e 12 escravos arcabuzeiros, hábeis no fabrico de bacamartes e dos mais destros no manejo das armas de fogo.

No início do século XVII, sob comando de Matias Cardoso de Almeida, em expedição pelo alto médio São Francisco, descobriram esses povos indígenas que viviam na região e fizeram muitos deles escravos, já que os bandeirantes precisavam de escravos para abrirem novos arraiais. Muitos índios fugiram e se instalaram em outra região.

Partiram de São Paulo, rumo ao norte, chegaram ao Rio das Velhas e o percorreram até a sua foz. Entraram no novo estuário e navegaram as águas claras, até o alto médio São Francisco. A finalidade da expedição, tal como vinha enunciada na patente capitão-mor, concedida a Matias Cardoso de Almeida, era a conquista de nações gentílicas e bravas, “preia” de indígenas e “quilombolas” (escravos fugitivos).

Por um período de mais ou menos seis anos (1689 a 1698), Matias de Almeida, feito “Mestre-de-campo e governador absoluto da guerra dos bárbaros, dedicou-se debelar aldeias indígenas, ao longo do Rio São Francisco.” Na área em torno de Capitão de Cleto, Matias

Cardoso de Almeida, já nomeado “administrador das Aldeias”, foi informado por um de seus descendentes que encontraram um grande número de indígenas na embocadura de um tributário do Rio São Francisco.

Montaram acampamento na Ilha do Capão e ficaram alguns dias a espreitar de onde avistaram um grupo de índios na foz do Rio Itacarambi, no município de São João das Missões, a uma distância de duas léguas e meia da desembocadura do rio. Fizeram, a princípio, guerra e, em seguida, porém, trataram com eles e fizeram pazes.

Religiosos liderados pelo Padre Miguel de Carvalho criaram ali uma missão sob auspício da Igreja Católica, com a finalidade de catequizar, efetuar registros de nascimento, casamento e óbito, bem como a de promover a assistência social. A partir daquele dia, foi de fundamental importância o papel da catequese e influência social dos religiosos sobre a vida dos indígenas, principalmente, na conversão do índio ao credo católico.²

Naquela época, os acontecimentos importantes eram associados às datas religiosas e como o primeiro contato e confronto dos brancos com os integrantes da Tribo Xacriabá se deu em 24 de junho, dia consagrado a São João Batista. Deram à localidade a denominação de Missão do Senhor São João.

Com a força do trabalho índio, conseguido de forma amigável, através do escambo, realizado com pedaços de tecidos, anzóis, espelhos, pratos, talheres, facas, canivetes e às vezes foices, machados e facões, os jesuítas edificaram a igreja de São João, em dois anos, de 1697 a 1698 e, para ornamentá-la contrataram os serviços do artesão da Tribo Xacriabaá, Estevão de Oliveira, o último dos remanescentes a falar fluentemente o idioma do nativo.

Foi das mãos desse artesão que originou a imagem de São João dos Índios, denominação que o arraial passou a ter até a elevação à categoria de distrito, sob a denominação de São João das Missões, até ser extinto pela lei nº 45 de 17 de março de 1836.

Em 1726, ao retornar de São Paulo, Januário Cardoso de Almeida, filho de Matias Cardoso de Almeida, reconstruiu a igreja que foi edificada pelo pai, no arraial de Morrinhos, hoje a cidade de Matias Cardoso, em homenagem a Nossa Senhora da Conceição.

Naquela época, um índio encontrou uma imagem de santo que recebeu o nome de São João dos Índios. Os missionários jesuítas ficaram sabendo da imagem e resolveram levá-la para a igreja de Matias Cardoso, a qual os índios foram obrigados a construir. No dia seguinte, a imagem estava, novamente no mesmo lugar onde foi encontrada. E assim ocorreram várias vezes.

Em visita a missão de São João dos Índios, Januário Cardoso de Almeida levou para a igreja reconstruída na freguesia de Morrinhos, a imagem de São João. Misteriosamente, dias

depois, a imagem foi reencontrada no tronco de uma árvore próxima à igreja de São João dos Índios, hoje, São João das Missões, provocando aos presentes um sentimento de misto de admiração e medo.

Historicamente, os Xakriabá estão relacionados aos movimentos colonizadores no alto-médio São Francisco, no Norte de Minas Gerais. Um documento outorgado pelo bandeirante paulista Januário Cardoso de Almeida, na qualidade de administrador dos índios da “Missão do Senhor São João do Riacho do Itacarambi”, definiu limites das terras ocupadas pelos índios. Nesta carta de doação, protocolada em Cartório, no ano de 1728, junto com a definição dos limites territoriais, o bandeirante ordenou para que se “ajuntassem” todos os índios que andavam para fora da Missão, para que fossem doutrinados, não furtassem os fazendeiros e virassem trabalhadores de suas fazendas.

Um dos poucos grupos indígenas que habitam o Estado de Minas Gerais, os Xacriabá sobreviveram ao intenso contato com os bandeirantes e depois com as frentes pecuaristas e garimpeiros. Tiveram seu território ocupado por fazendeiros e até hoje lutam para ampliar suas terras demarcadas e recuperar parte delas. Também estão vivendo um processo de valorização cultural, buscando identificar e registrar itens e aspectos de sua cultura de modo a proteger esse patrimônio.

Esta reserva indígena ocupa uma área de 530,74 km², o que corresponde a 78,07% do território do município. Além disso, localiza-se no território do município o Parque Nacional das Cavernas do Peruaçu, uma unidade de conservação, criada em 1999, para proteger o patrimônio natural e geológico da região.²

São João das Missões foi emancipada no dia 21 de dezembro de 1995, através da Lei 12.030, desmembrando-se de Itacarambi, MG. Após as eleições de 03 de outubro de 1996, houve a instalação política administrativa do Município, o que ocorreu no dia 01 de janeiro de 1997, com a posse dos agentes eleitos. Constituem o Poder Executivo Municipal, o Prefeito e o Vice-Prefeito. O poder Legislativo Municipal é composto por nove vereadores.³

De acordo com dados do IBGE de 2010, São João das Missões tem o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) de Minas Gerais e menor PIB (Produto Interno Bruto) per capita. Como consequência desse fator alguns índios e moradores do município, são obrigados a se deslocar para vender sua força de trabalho nas grandes usinas de cana de açúcar e de café, nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Esse território habitado pelos Xacriabá tem como principais características o cerrado e a caatinga, que vegetação semelhante, com árvores baixas, galhos tortos e raízes fundas. Alguns tipos de árvores encontradas, frequentemente, no cerrado são buriti, cagaita, articum e pequi. E na caatinga encontram-se cactos, juazeiros, aroeiras, angico e etc. O solo predominante nessa região constitui-se por áreas rochosas, arenosas, montanhosas e planas.

Outra característica do nosso território é a presença de animais como: tatu, capivara, onça pintada, veado, gambá, preá, entre outros. São animais que fazem parte da alimentação e outros saberes dos Xacriabá, por exemplo da medicina tradicional. No território Xacriabá o povo tem duas estações bem definidas do ano: o tempo da seca e tempo das águas (verão e inverno). No período de seca alguma nascentes secam. No período das águas, as nascentes voltam a brotar água.

A seca é o tempo em que os Xacriabá começam preparar as roças. Algumas são feitas em mutirão (se reúnem para fazer o serviço de um e depois de outro), assim ajudam uns aos outros; primeiro fazem a derrubada do mato, depois de derrubar as melhores madeiras são reaproveitadas para fazer chiqueiro, poleiros, cercas, e para lenha. Depois de reaproveitar as madeiras, é colocado fogo na roça. Depois de queimada, são feitas as coivaras para serem queimadas. Assim a roça está pronta para a chegada das águas.

A principal atividade econômica desenvolvida no município é agropecuária. A agricultura representada no cultivo irrigado e de sequeiro, ou seja que não precisa de água para produzir. Faz parte da cultura irrigada, o plantio de feijão, milho, cana-de-açúcar e tomate. Cultivo não sequeiro, a cultura do feijão catador, mamona e mandioca. A pecuária é desenvolvida com o objetivo de produzir bezerros para a venda, sendo, também, praticada a pecuária leiteira e a criação de caprinos, de vinhos e de peixes.

É por meio de suas festas tradicionais que as comunidades estreitam seus laços e mantêm suas identidades como os grupos e celebramos também a vida cotidiana. A administração do município que, desde o ano de 2005, é liderada por prefeito indígena, sempre buscou manter a tradição fortalecendo, explorando e resgatando através das festividades religiosas do padroeiro São João Batista que acontece de 21 a 25 de junho.

Nesse período, a cidade entra em festividades, com apresentações culturais, comidas típicas, artesanato quadrilhas, encontro de sanfoneiros, shows com artistas da terra e também artistas famosos. Na madrugada acontece o forró do mocotó festivas, projetado e executado todo ano pelos festeiros do ano e o poder público que tem o propósito de preservar a tradição e fortalecer a cultura local. Essa programação é elaborada a cada ano com o compromisso, com a

difusão dos valores culturais da região que faz história e tem reminiscências há mais de 200 anos. O município de São João das Missões tem 10.230 habitantes (IBGE,2010).

CAPÍTULO II: CONQUISTAS E DESAFIOS ANTES E APÓS A DEMARCAÇÃO DA TERRA INDÍGENA XACRIABÁ

II.1. A luta pelo reconhecimento da primeira Terra Indígena Xacriabá

Há cerca de 300 anos os Xacriabá vivem em contato com a população não indígena. Inicialmente, tiveram contato com os portugueses e os bandeirantes, por conta do processo, imposto, de catequização. Além disso, a miscigenação da população Xacriabá se deu através de um histórico de muitos conflitos com fazendeiros, como mostra a pesquisa etnográfica de Rafael Barbi Costa e Santos:

Os Xacriabá passaram a se identificar como tais a partir do reconhecimento, escolhendo um dentre os vários etnônimos que lhes eram atribuídos. [...] mas foram chamados durante diferentes momentos de sua história de “cayapós”, “acroás”, “anayós”, “xicriabás”, “gamelas” ou simplesmente de “índios da Missão”. Dentre essas alcunhas, os Xacriabá de hoje reconhecem que os antigos se auto-referiam como “gamelas”, “cayapós” ou “índios da Missão” (SANTOS, 2010, p. 97).

A divisão da Terra Indígena Xacriabá em aldeias foi decorrente de um modelo específico proposto pela Funai, assim como a instituição de uma estrutura organizacional política composta por um cacique e de lideranças das aldeias, lideranças que, juntamente com o cacique, compõem um conselho. (SANTOS, 2010, p.44).

No final dos anos sessenta, o governo de Minas Gerais interveio sobre as terras tradicionalmente ocupadas pelos então classificados como ‘sucessores dos índios de São João das Missões’, localizados no extremo Norte do Estado. Dessa forma, o processo de regularização fundiária se estendeu por quase duas décadas, em razão da dúvida das instituições envolvidas quanto à indianidade da população que reivindicava o reconhecimento étnico frente ao Estado brasileiro. A Terra Indígena Xacriabá foi homologada como tal em 1987, depois de muita luta realizada por esse povo indígena, luta que levou ao genocídio sofrido pelos Xacriabá em 12 de fevereiro de 1987, um dos seus momentos mais marcantes e trágicos, quando houve a execução dos índios José Santana, Manuel Fiúza e Rosalino Gomes de Oliveira.

Abaixo um relato do Cacique Domingos sobre as perseguições que sofreram por parte dos fazendeiros.

Os Xacriabá viviam sobre pressão e muito medo dos invasores, e a quase a todo o momento as lideranças indígenas se deparavam com situações de risco ao serem seguidos ou caçados imediatamente eram obrigados a se esconder ou até mesmo correr para se defender dos ataques dos fazendeiros. (Cacique Domingos, Seminário,

Belo Horizonte, 2015).

Conta o Cacique que, diante das perseguições que os Xacriabá vinham sofrendo, as lideranças Manoel Gomes de Oliveira o Rodrigo, Laurindo Gomes, Emilio Gomes e Rosalino Gomes considerados uns dos primeiros a tomar frente do grupo na luta pela demarcação da terra, se reuniram e juntos com a comunidade, arrecadaram recursos para realizar a primeira viagem à sede da FUNAI no Rio de Janeiro, sendo Rodrigo o primeiro a realizar essa viagem em busca de soluções para combater as invasões que estavam acontecendo no território.

De um processo que perdurava por quase duas décadas, depois de muita luta e resistência, em cinco meses, no dia 14 de abril de 1987, o presidente José Sarney assinou decreto nº 94.608, homologando a Terra Indígena Xacriabá, localizada no Município de Itacarambi Minas Gerais, município do qual São João das Missões era distrito (DOU, 15/07/87). A tragédia foi enquadrada como genocídio e levada a júri federal. Como parte das peças processuais para justificar a qualificação do crime como genocídio, a promotoria recorreu à assessoria antropológica. O objetivo foi de formular argumentos para corroborar o pedido de reconhecimento étnico efetivo dos Xacriabá por parte do Estado brasileiro e, conseqüentemente a natureza do crime.

Os Xacriabá são considerados também como Caboclos porque houve a miscigenação entre índios e negros, resultante do relacionamento entre os índios da região com os negros escravizados. Os índios Xacriabá pertencem à família macro-jê, de língua Akwê.

Segundo informações da Associação Nacional da Ação Indígena (ANAI), Em Minas Gerais vivem aproximadamente doze etnias, espalhadas por dezessete regiões diferentes. Algumas delas ainda não foram reconhecidas. Elas são: Maxakali, Xakriabá, Krenak, Aranaã, Mukuriñ, Pataxó, Pataxó hã-hã-hãe, Catu-Awá-Arachás, Caxixó, Puris, Xukuru-Kariri e Pankararu.

Quanto ao reconhecimento dos povos indígenas em Minas Gerais, assim como aconteceu na maior parte do país, houve uma luta muito grande para tal reconhecimento, pois, por muito tempo não haviam sido apoiados por movimentos políticos favoráveis à retomada do reconhecimento das identidades coletivas indígenas. Devido ao novo cenário da época, muitos grupos foram sendo incorporados aos chamados “ressurgidos” ou “emergentes”. De acordo com as informações do site “Povos Indígenas no Brasil”.

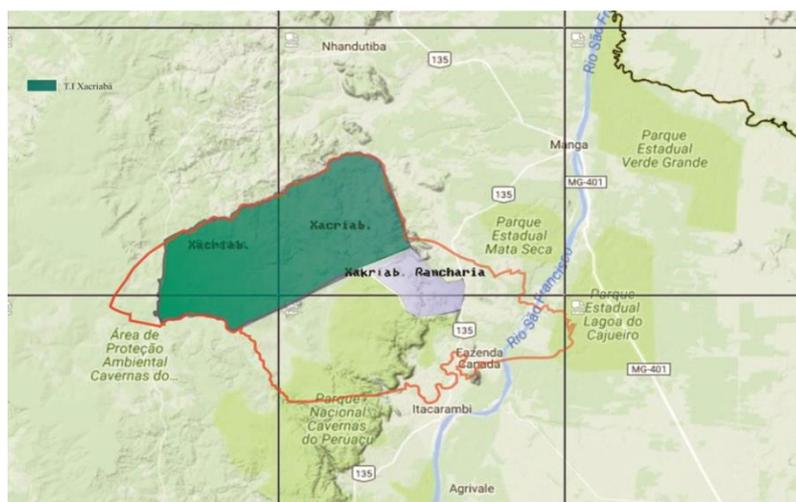
Os Xacriabá passaram por muitos conflitos ao longo de sua história para defender o seu espaço. Na década de 1970, já estavam no processo de lutas pelos seus direitos. Tiveram

apoio de alguns órgãos, como o Conselho Indigenista Missionário(CIMI) e a FUNAI, quando foram a Brasília pedir proteção física. Entretanto, a FUNAI demarcou, efetivamente, as terras indígenas apenas na década de 1980, após o acontecimento do massacre indígena Xacriabá, em 12 de fevereiro de 1987, momento em que mais de 10 homens invadiram, na madrugada, a aldeia Sapé, local onde residia o líder Xacriabá.

Mataram o Cacique Rosalino Gomes de Oliveira e mais dois índios, além de terem ferido gravemente a esposa do cacique. O motivo do massacre foi o fato de a terra indígena ser bastante visada na região por fazendeiros, políticos, “grileiros”, posseiros, dentre outros.

Esse massacre foi um fato marcante na vida dos Xacriabá e foi repercutido nacional e internacionalmente, uma vez que foi considerado como um genocídio. Rosalino é um símbolo de luta e resistência entre seu povo.

O mapa a seguir mostra, conforme legenda a terra indígena demarcada:



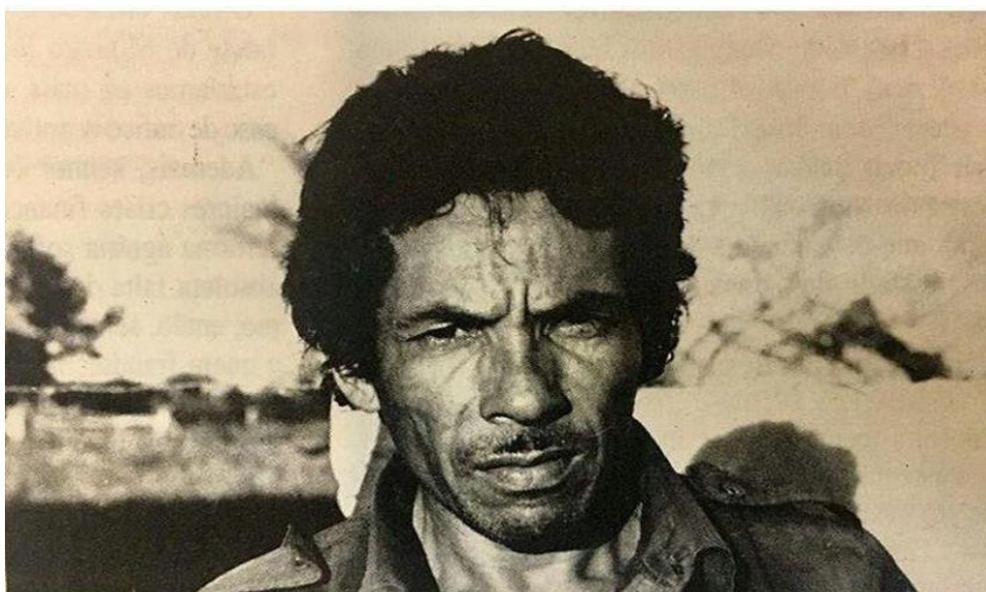
Mapa - da 1ª A.T.I indígena. A área verde representa a terra Xacriabá homologada em 1987.

2023 Fonte: FUNAI

Poema de autoria do Cacique Xacriabá Domingos Nunes de Oliveira :

Sou filho de Rosalino
E testifico a você
Que o meu pai nos dizia
Que um dia iria morrer
Mas ia deixar livre a terra
Para o seu povo viver [...] [...]
O meu pai desesperado
Na porta ele apontou
Foi quando foi baleado

Eu não sei quem o matou
Só sei que naquele momento
O meu coração cortou.
Com a morte do meu pai
Eu fiquei desesperado
Mas não podia correr
Porque eu estava cercado
Por aqueles pistoleiros.
Que estavam todos armados [...]
(ÍNDIOS XACRIABÁ, 1997, p. 20).



RosalinoGomesdeOliveira, assassinado em 12/02/87, por jagunços amandado grileiro Amaro. Fonte: CEDI, 1990.

Esse período, entre 1970 e 1987, é reconhecido como o mais conturbado e violento, com inúmeros ataques ao território indígenas Xacriabá.

Como forma de realizar uma análise detalhada do processo de formação do povo indígena Xacriabá, os moradores do “terreno dos caboclos da Missão do Senhor São João” decidiram procurar o órgão indigenista do Estado, uma estratégia adotada para a defesa de uma terra concebida como comum e indivisível. Isso ocorreu em 1997 quando os Xacriabá já estavam frente a um processo de regularização fundiária extremamente expropriativo, colocado em prática pelo governo estadual.

Esse trabalho foi realizado pela antropóloga Ana Flávia Moreira Santos que analisou as condições históricas, culturais e sociais que propiciaram a emergência dos Xacriabá como

uma unidade social e política, em meio às disputas através das quais a fronteira que os individualizava se constituiu (SANTOS, 1997). Para Santos, quaisquer que fossem os termos que se possa pensar, essa Unidade Xacriabá deveria ser considerada a partir de uma ‘ótica da heterogeneidade’.

Caso contrário, correria o risco de equalizar o processo então desencadeado a um simples desvelamento de identidades ‘escondidas’ de caboclo a índio, de baiano a posseiro em que os indivíduos apenas afirmaram em ações e opções, uma ‘condição’ pré-existente. Ela conclui: “pode-se dizer que ‘índios’, ‘sucessores’ e ‘bairanos’ fizeram-se e refizeram-se através de uma série de transações políticas e culturais” (1997, p. 163-169).

II.2. Histórias de Rancharia e como se deu origem ao nome

Em meados da década de 1940, a estrada que dava acesso ao arraial que é hoje São João das Missões, passava na beira da lagoa. Os viajantes que passavam por lá, paravam e pernoitavam para descansar, alimentar-se e dar água os animais e seguiam, no dia seguinte. Do lado direito, havia dois pés de juazeiro.



Pésde juazeiro,AldeiaTenda/Rancharia,2015. Fonte: Andresa Brasileiro

Assim, todos os viajantes e romeiros que paravam por lá, ficavam acampados debaixo dos pés de juá. O maior tráfego de viajantes acontecia no mês de junho, quando eram

realizados os festejos de São João Batista, que acontece até hoje como tradição.

Contam os mais velhos que o local ficou sendo um arrancho (lugar de descanso ou de acampamento), que era sempre usado por eles. Devido ao fato de arrancharem sempre próximos da lagoa, os caboclos mais velhos (termo usado por alguns para se referir a nós indígenas), colocaram o nome no lugar de Rancharia. Como relata o senhor José Benício.

Aqui recebeu esse nome de Rancharia, porque ficava muita gente descansando de baixo do pé de juazeiro e ali era chamado de arrancho. Por volta da década de 40 o pessoal vinha a cavalo, a pé e por ali mesmo parava para descansar, dar água os animais, fazer comida e outras coisas. (José Benício de Abreu, Aldeia Tenda)

Entre esses viajantes já citados pelo Sr. José Benício, também passavam por ali outros viajantes com pequenas cargas, como cita a Sr.^a Maria das Graças:

Naquela época passavam por aqui muitos viajantes, vinham os cargueiros, traziam coisas na garupa dos animais. A maioria deles arranchava, dormia e até ali para no outro dia chegar em Missões, para ir para a festa, com esse trajeto a estrada afundava de tanto passar viajantes naquela época. Todos que passavam arranjavam tudo ali. Por isso ficou o nome de Rancharia. (Maria das Graças, Aldeia Tenda)

Alguns moradores até tentaram mudar o nome para, por exemplo, “Alto Bonito”. Os mais velhos não aceitaram, então ficou sendo Rancharia. Assim conta a Sr.^a Maria das Graças:

Teve um tempo atrás que algumas pessoas queriam mudar o nome de Rancharia, a minha avó..., meu tio Domingo, o velho Agostinho, não deixou, não, e nem o senhor Jontono. Disseram que não podia mudar, porque esse nome foi dado pelos caboco (como chamavam os índios da região), os primeiros que chegaram aqui. (Maria das Graças, Aldeia Tenda).

Segundo os mais velhos, a comunidade recebeu esse nome por conta dos caboclos e assim foi por muito tempo, até que decidiram deixar o nome de Rancharia.

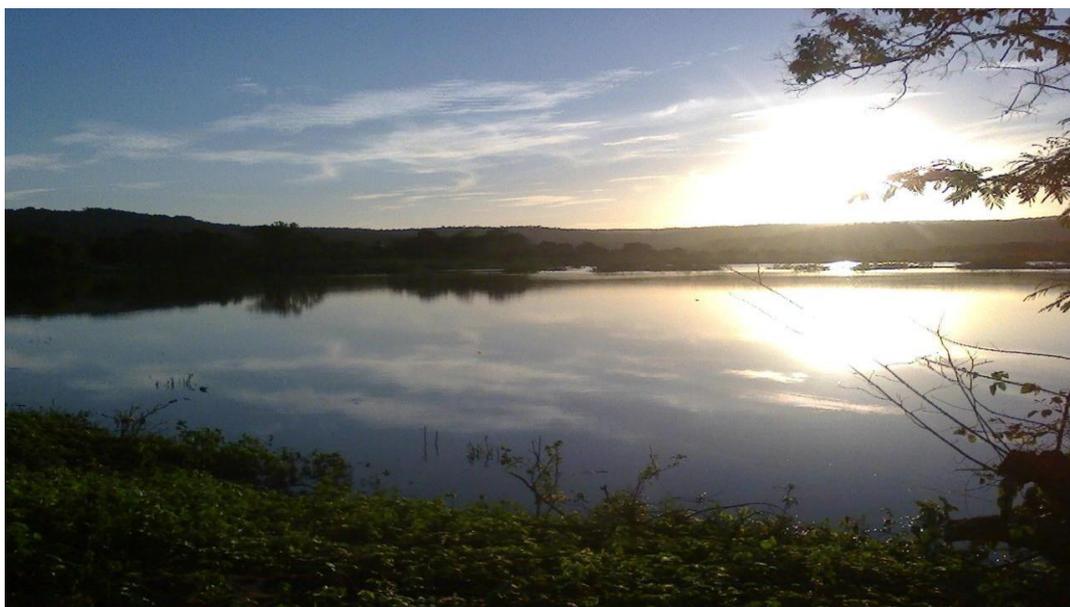
Contam os moradores que, entre 1940 e 1960, começaram a chegar algumas famílias que foram construindo suas casas primeiramente aos arredores da lagoa. Conforme o relato de Dona Antonia Lopes as famílias que se instalaram nessa época foram:

Joana de Zé de Anrrico, Caetano Gomes e Rosalina Rodrigues, Felipe e Isabel. A

velha Aninha mais o velho Augustinho, o velho Jontonoe Carmela. A liera opaidofinado Messias, e Chicão quem morava lá no alto, onde Augustomora. E me lembro de uma velha Roberta, ela que morava ali e era o povo de Dominginhos mesmo. Zé de Cirnando que era o marido de Rôcha. A finada Arcanja, Manoel e Binú também já morava ali. (Dona Antonia Lopes, Aldeia Tenda Rancharia).

Os primeiros moradores começaram a cultivar a terra para plantar seus alimentos e faziam uso da lagoa, das matas, dos brejos, das vagens como fonte de subsistência. Eram livres para plantar suas roças, colhiam suas frutas nativas, caçavam e pescavam, entre outras atividades. E ainda praticavam seus rituais mais fortes livremente em um “terreiro” (local de dançar), que ficava no caminho da roça, ao lado de um pé de umbu. Os participantes reuniam-se frequentemente, faziam os preparatórios e iam dançar o Toré (dança da cultura indígena). Nessa época não havia interferência de moradores brancos. Segundo os mais velhos, aos brancos não era permitido ver e nem participar do momento.

A seguir, foto da lagoa da Aldeia Tenda/Rancharia:



Lagoa da cheia, comunidade da Rancharia Aldeia Tenda, 2015. Fonte: Lourdes de Sá

No momento em que a comunidade Rancharia foi se formando, a maior parte das terras ficaram em posse de fazendeiros. Assim, os primeiros moradores que ali habitavam foram ficando sem terra para cultivar suas roças, produzir seus alimentos e trazer sustento para suas famílias. A cada ano que passava, esse número de fazendeiros aumentava e os Xacriabá foram perdendo

suas terras e, conseqüentemente, seus costumes.

Diante da situação caótica, os indígenas estavam cada vez mais perdendo espaço em seu próprio território e algumas pessoas começaram a questionar. Era um povo muito simples em seu modo de pensar. Os brancos que chegavam, cercavam grandes áreas de terra o quanto podiam. A terra era dos indígenas, mas para os brancos, a terra não tinha dono.

Grandes porções de terras ficaram em mãos de fazendeiros que cercavam muitos hectares para criar seus gados e outras atividades. Os indígenas foram ficando encurralados apenas com pequenos pedaços de terra, uns com menos e outros com mais. E não havendo mais para onde ir, foram ficando cercados pelos fazendeiros e outros ocupantes.

As famílias foram aumentando e a necessidade de espaço para diversas coisas relacionadas à terra, inclusive para construir, foi ficando cada vez mais difícil, como se não bastasse, os fazendeiros ainda estavam querendo comprar de qualquer forma os pequenos terrenos dos indígenas que ainda moravam ali, chegando a conseguir de alguns. Outros que se negaram a vender, sofreram ameaças mas resistiram fortemente contra a tirania dos fazendeiros, não perdendo sua terra, como diz Maria Angela:

Na época, meus pais, Manoel Gomes e Benedita Rodrigues (Binu), tinha um pedaço de terra até grande, que ele criava seus animais e era pra dividir entre seus filhos também, por que terra tava ficando difícil. As terras limites com as terras dele era do fazendeiro Zé de Tinhô, que queria, porque queria, comprar as terras de pai, mas ele não quis vender, não. E, pra que moço... o fazendeiro ficou bravo, enraivado e até ameaçou pai, querendo tomar as terras dele. Mas ele não conseguiu, não, pai ficou firme e resistiu às ameaças. O fazendeiro chegou até fechar algumas cancelas pra gente não passar. Sei que foi difícil. Daí foi o tempo que começaram a correr atrás da demarcação das terras e, um tempo depois, saiu a demarcação e ele foi embora. (Maria Ângela, filha de seu Manuel de Binú, Aldeia Tenda, Rancheira.)

Como evidenciou a S^a Maria Angêla, apesar das ameaças sofridas pelos fazendeiros, a luta e resistência sempre foram a defesa naquela época, como já foi apontado no decorrer deste trabalho. Diante dos relatos dessas pessoas, percebe-se as condições e transformações vividas não só pelos Xacriabá, mas pelos povos indígenas do Brasil, desde a colonização, destacando-se seus desafios, lutas e conquistas.

Como se pode observar nas falas dos moradores da Aldeia Tenda e no desenvolvimento da pesquisa, percebe-se que, de um modo geral, os povos indígenas do Brasil passaram por grandes desafios e lutas, levando-os a um forte extermínio. Porém, é possível observar também que houve crescimento e fortificação daqueles que sobreviveram. Em Minas Gerais, a região foi

descoberta pelos bandeirantes em meados do século XVI, mas já era habitada por mais de 100 etnias indígenas, a maioria do tronco linguístico macro-jê. Esses povos foram escravizados, principalmente nas regiões onde havia riquezas minerais. Muitos deles foram exterminados por se negarem a fazer o trabalho escravo.

II.3. A luta dos Xacriabá pela demarcação da Terra Indígena Rancharia

Segundo os relatos dos moradores, nesse período da década de 1980 a 1990, eles estavam sempre articulando entre si e buscando soluções para iniciarem as ações de retomada do território. Para isso, faziam os encontros, as reuniões em sigilo total, às escondidas. Eram perseguidos pelos fazendeiros, pois já vinham sendo ameaçados por estes, há muito tempo.

Sem fugir da luta e resistência, em 1991, os articuladores decidiram fazer a primeira viagem à sede da FUNAI, em Governador Valadares-MG, para reivindicar o reconhecimento pela terra. Pois, era uma necessidade extrema naquele momento. Mas faltava recurso financeiro para o deslocamento. Diante da situação urgente, se reuniram e pediram ajuda dos anciões e de mais pessoas da comunidade. Com muita luta, conseguiram o recurso que deu a condição para que Robertino Correa e Madalena Gomes fizessem a primeira viagem. Como relata o Cacique Antonio Possidônio:

As dificuldades eram muitas pra começar, condições financeiras a gente não tinha, mais a gente sabia que tinha que ir até Governador Valadares na sede da FUNAI, então pedimos ajuda só das pessoas que já sabiam e queriam permanecer como indígena, para fazer a primeira viagem, todos ajudaram no que puderam, um pouco de dinheiro entre outras coisas, mas com tudo só dava pra ir duas pessoas então foi Robertino e Madalena até Valadares. (Antonio Possidônio. Aldeia Boqueirão 05-05-2023).

Após retornarem dessa primeira viagem, as notícias já percorriam pela comunidade e os fazendeiros também já estavam sabendo. Com isso, aumentaram as perseguições dos fazendeiros contra os líderes do grupo. O resultado não foi o que a gente estava esperando, pois não voltaram com uma resposta, assim, concreta da sede FUNAI, em Governador Valadares.

Posto isso, os fazendeiros começaram a ameaçá-los de morte. A princípio, ficaram meio receosos com medo. Mas, mesmo assim, todos os envolvidos concordaram em continuar com a luta.

O momento foi de muita tensão e chegou ao ponto de Dona Madalena Gomes de Oliveira começar a sentir problemas psicológicos. Com isso, veio a se afastar do grupo. Robertino

Gomes, por estar sozinho nas articulações, decidiu juntamente com os anciões, chamar Antonio Possidônio para estar junto ao grupo. Por sua vez, Antonio também é filho de uma das anciãs da comunidade, Dona Tereza Maria.

Mesmo diante de tantos desafios e ameaças, deram continuidade na luta, fazendo as articulações. Dialogando entre os membros, decidiram retornar a Governador Valadares, mas, para isso, foi preciso se reunir para arrecadar recursos novamente para viajarem. Segundo o relato de Antonio Possidônio, que apresentamos abaixo, ele e Robertino Gomes fizeram esta viagem até Governador Valadares e, delá seguiram para Brasília.

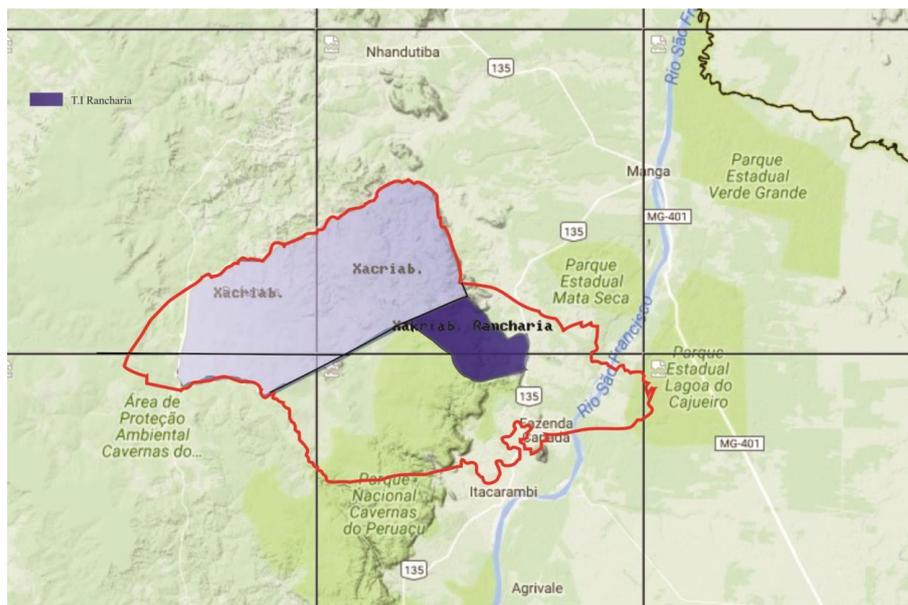
Diante dos perigos, algumas pessoas da família e outras da comunidade chegaram a pedir para Antonio Possidônio e os demais articuladores para desistirem dessa luta porque estavam correndo muito perigo, mas ele dizia que não ia parar, que se fosse pra ele morrer, ia morrer lutando. E, assim, continuou buscando seus direitos, sempre com muito cuidado.

Como forma de se proteger das perseguições, ele passava pelas matas e ia pegar o ônibus muito longe de Rancharia e, para voltar, fazia o mesmo trajeto. Na comunidade, ele ia com muito cuidado para não ser visto pelo fazendeiro. Para trabalhar, ele tinha que passar em “terras de fazendeiro”, então estava sempre em constante perigo.

Depois de várias viagens, finalmente o ministério público e a FUNAI enviaram Marcos Paulo, Ana Flavia e outros antropólogos para fazerem o estudo da terra. Nesse meio tempo, alguns que haviam saído, já tinham voltado para a comunidade. Então, Antonio Possidônio reuniu os sábios e a comunidade para criar um grupo de lideranças, que foi composto pelas seguintes pessoas: Agenor Lopes, Genivaldo Possidônio, Silvino Nunes, Geronimo Alves, entre outros. Este grupo, inclusive, esteve junto com o grupo de trabalho que estava realizando os estudos da terra.

Antes de iniciar os estudos da terra, as lideranças fizeram uma reunião com toda a comunidade para explicar como seria realizado. Ao mesmo tempo, decidiram quais pessoas estariam junto com eles pelo território. Então escolheram alguns sábios e lideranças da comunidade.

Finalmente, depois de rodar por algumas casas dos mais velhos e todo o território fazendo os estudos, em 2002 a Terra Indígena de Rancharia foi demarcada. Imediatamente, as lideranças novamente se reuniram e montaram um mutirão para abrir a picada nas delimitações da terra. Depois de uma longa trajetória, a Terra Indígena Xacriabá/Rancharia foi homologada em 5 de Maio de 2003, com aproximadamente 6.798 hectares, conforme mostra o mapa abaixo:



Mapa 2- A área roxa representa a Terra Indígena Xacriabá/ Rancharia, homologada em 2003. Ano 2017. Fonte: FUNAI.



Desenho da casa da minha mãe na Aldeia Tenda/Rancharia. Arte: Andresa Brasileiro

CAPÍTULO III: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Com a realização desse trabalho foi possível ampliar os conhecimentos e experiências sobre as histórias da luta pela terra que nossos mais velhos carregam até hoje em suas memórias. Através da fala oral desses antigos moradores, foi possível perceber o quanto a terra é importante por carregar consigo uma série de vivências que não dá para se ter sem terra.

São pessoas que tem um grande conhecimento em relação a nossa história por ter em vivido ela e estarem presentes para nos contar. Por isso me despertou interesse por esse tema. A memória da luta pela terra indígena do povo Xacriabá, em específico Xacriabá de Rancharia.

Através desse trabalho, toda a comunidade e os seus sucessores poderão conhecer melhor e também tornar um pouco mais acessível essa história de luta dos nossos antepassados, para que as gerações posteriores a essa luta, conheçam essa trajetória. Um dos objetivos é dar mais visibilidade e importância ao saber e valorizar a história de luta guardada nas memórias dos nossos anciãos, que é o que garante a nossa permanência na terra.

Ao trilhar o caminho da pesquisa e atingir os objetivos traçados no projeto, algumas dificuldades foram enfrentadas para falar sobre essa memória, pois foi preciso conhecer um pouco mais sobre nós mesmos para assim ser, também, agente de nossa própria história.

E com essa trajetória de busca por informações, percebe-se que talvez nada mais é, do que não só viver a cultura Xacriabá e sim, sobretudo conhecer sobre nós mesmos, o quanto importante nossa relação com a terra, os animais, os lugares sagrados, os saberes tradicionais e as raízes que se criam, que estão todos relacionados com a terra. Esses, entre outros, foram alguns dos motivos que levaram nosso povo a ter sido, por muito tempo, tão resistente às invasões no nosso território.

Neste trabalho, primeiramente apresenta-se um pouco sobre o território e suas características, em seguida com base nesses princípios citados acima, busca-se um pouco resgatar a história do território Xacriabá mas, em específico, da conquista da terra indígena Xacriabá. Nesse sentido, busca-se relatar um pouco a luta pelo reconhecimento da primeira terra indígena demarcada. Procura-se relatar também as dificuldades das lideranças para comunicarem entre si. Ainda, apresentam-se as perseguições e a chacina ocorrida com nossos líderes.

Após isso, o foco recai especificamente sobre a luta pela terra indígena Xacriabá Rancharia, a qual ainda não era homologada, mas se localizava dentro do território tradicional Xacriabá. Apresentam-se, um pouco, questões relacionadas à origem do nome Rancharia. Ao

analisar as falas dos mais velhos, foi possível concluir que esse nome se deu devido à lagoa de Rancharia e suas histórias. Lagoa essa que era ponto de encontro de viajantes e a principal referência local. Foi falado também um pouco sobre os pioneiros que iniciaram a luta em quemomento deu início a esse processo de luta pela TI Rancharia.

Como parte fundamental para realização desse trabalho, enfatiza-se as conquistas e os desafios antes e após a demarcação da TI Xacriabá Rancharia. Território esse que nos possibilitou desenvolver nossa cultura e usufruir da terra e seus recursos naturais. Ainda nessa parte, abordamos os desafios de implantar uma escola indígena diferenciada, uma associação indígena e água encanada na comunidade, como forma de organização interna dos Xacriabá Aldeia Tenda de Rancharia.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Este trabalho foi desenvolvido na aldeia Tenda/Rancharia no município de São João das Missões no norte de Minas Gerais, com o propósito de tornar a história do povo Xacriabá, em específico da comunidade Aldeia Rancharia, mais acessível na escola, na comunidade e para os jovens que desconhecem a história da luta pela terra neste município.

A busca pelas informações contidas nesta pesquisa foi com o intuito de manter a história viva para que não só a geração atual, mas as futuras também possam saber que, para estar ali em uma terra demarcada, houve muita luta.

Essa busca por pessoas da comunidade que contam como se deu essa luta e resistência foi, inclusive, para também mostrar o quanto as lideranças foram e são importantes nesse processo de luta que perdurou por muitos anos.

Para isso fez-se necessário recorrer às pesquisas bibliográficas e entrevistas com diferentes pessoas da comunidade. Foi um trabalho realizado para servir como referência, que conta a história de luta das principais lideranças e caciques que lutaram ao ponto de perderem suas vidas para defender o direito de viver em suas terras demarcadas.

Com a realização dessa pesquisa, foi possível compreender que os indígenas passaram por muitas perdas e conquistas, por isso, não se pode considerá-los apenas como vítima do sistema dominador, mas sujeitos de sua própria história, uma vez que foram atores políticos que se fortaleceram no momento em que puderam compreender o seu papel na história.

Essa história de luta, resistência e conquistas nos leva a reconhecer toda uma luta e sofrimento que os nossos anciãos passaram para que hoje tenhamos nossos direitos conquistados. Ao trilhar os caminhos metodológicos para realizar esse trabalho, veio em mente um sentimento de gratidão a todos os guerreiros que lutaram para que hoje os nossos Xacriabá tivessem seus direitos conquistados. Com as rodas de conversas foi possível ter uma ampliação de como chegaram aos objetivos traçados no projeto de pesquisa.

Acredita-se que este estudo possa servir tanto aos povos indígenas como para os povos não-indígenas. Para os Xacriabá, que não conhecem, será importante talvez, conhecê-lo. As análises dos sujeitos envolvidos na pesquisa, foram importantes para ampliar a dimensão do conhecimento de todos, em especial dos indígenas da Aldeia Tenda/Rancharia.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, R.C.L. "A venturas de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método". In: Cardoso, R.C.L. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1986, p. 95-105.
- COSTA E SANTOS, Rafael Barbi. *A Cultura, O Segredo e o Índio: diferença e cosmologia entre os Xacriabá de São João das Missões/MG*, Dissertação de mestrado em Antropologia Social – Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
- INDIOS XACRIABÁ. *O tempo passa e a história fica*. Brasília: MEC, Belo Horizonte, SEE? MG, 1997.
- INDIOS XACRIABÁ. *Xakriabá: identidade e história – Relatório de Pesquisa*. Série Antropológica, 167, Universidade de Brasília, Brasília, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MINAYO, M.C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.
- Os Xacriabá. Verbetes. Povos Indígenas no Brasil, Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/>> . Acesso em 15 de outubro de 2022.
- Prefeitura Municipal de São João das Missões: Disponível em <<https://saojoaodasmissoes.mg.gov.br>>. Acesso em 15 de outubro de 2022.
- SANTOS, Ana Flávia Moreira. *Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra indígena Xacriabá: as circunstâncias da formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras*. 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.
- São João das Missões. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-das-missoes/panorama>>. Acesso em 13 de outubro de 2022.
- Violência contra MG – Violência contra Xacriabás prevalece até mesmo em município onde são maioria, em meio a assassinatos e obras de barragem que fazem aumentar a seca. Verbetes. Disponível em: <<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/mg-violencia-contra-xakriabas-prevalece-ate-mesmo-em-municipio-onde-sao-maioria-em-meio-a-assassinatos-e-obras-de-barragem-que-fazem-aumentar-a-seca/>>. Acesso em 15 de outubro de 2022.

APÊNDICE: Roteiro de entrevista com moradores da aldeia Tenda/Rancharia

01-Quais os maiores desafios enfrentados pelas lideranças e moradores da Aldeia Tenda Distrito de Rancharia, até a conquista da demarcação em 1987?

02- Conte um pouco da história do município de São João das Missões, como acontecia essa relação entre índios e brancos durante os festejos de São João Batista, antes da demarcação do território Xacriabá.

03- Quem foram os principais líderes que lutaram desde as primeiras invasões dos fazendeiros no território Xacriabá da aldeia Tenda/Rancharia?

04- Ainda há movimento de luta por retomada de áreas fora do território Xacriabá?

05- No município, segundo dados do IBGE, 70% dos habitantes são indígenas. Desde o ano de 2004, o poder municipal, desde o Executivo Municipal passou a ser composto por representantes indígenas. O que isso trouxe de benefícios para o território Xacriabá num todo?